

Método ABA: Uma Discussão da Terapia Ocupacional no Tratamento do Autismo

Autor do Trabalho: Raimundo Henrique Ferreira Lima
Tutor: Gabriel José Dias

RESUMO

O autismo é um transtorno neurológico que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento da criança. A terapia ocupacional tem sido amplamente utilizada no tratamento do autismo, e o Método ABA é uma abordagem específica que tem sido aplicada nesse contexto. No entanto, ainda há poucas pesquisas que avaliam a efetividade dessa abordagem em terapia ocupacional para o tratamento do autismo. O método ABA trata-se da análise do comportamento aplicada, que nada mais é do que uma abordagem específica para desenvolver habilidades sociais e de autonomia em pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Esse método utiliza técnicas como modelagem comportamental e utiliza técnicas de reforço positivo. o problema de pesquisa é: qual é a efetividade do Método ABA na terapia ocupacional para o tratamento de crianças com autismo? A pesquisa justifica-se pela necessidade de avaliar a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento de crianças com autismo. Essa pesquisa pode contribuir para uma melhor compreensão do uso do Método ABA em terapia ocupacional, seus resultados e limitações, e ajudar a informar a prática clínica em terapia ocupacional. O desenvolvimento do trabalho tem como objetivo geral avaliar a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento de crianças com autismo e o objetivo específico realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o uso do Método ABA em terapia ocupacional no tratamento do autismo. Será realizada uma revisão bibliográfica trazendo uma síntese das evidências disponíveis e identificação das principais vantagens e desvantagens do uso do Método ABA.

Palavras-chave: Transtorno Espectro Autista. TEA. Interação Social.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, trata-se do impacto da aplicação do ABA no desenvolvimento da comunicação em crianças de 1-3 anos com TEA. Esse tema surgiu através da necessidade de buscar uma intervenção que ajudasse a restabelecer os prejuízos causados pelo atraso na aquisição da linguagem, bem como dificuldades na interação social, no comportamento e na comunicação.

Uma vez que o TEA é um transtorno de desenvolvimento que geralmente surge antes dos três primeiros anos de vida, comprometendo as habilidades de comunicação e interação social, parto do princípio que os procedimentos adotados através do método ABA, venham a desenvolver comportamentos de comunicação e

sociabilidade, pois para este diagnóstico, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), é cientificamente válida e efetiva.

Com base no tema desenvolvido o problema de pesquisa é "Qual é a efetividade do Método ABA na terapia ocupacional para o tratamento de crianças com autismo?" Este problema de pesquisa irá focar em avaliar a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional como uma intervenção para o tratamento de crianças com autismo. A questão é importante porque o autismo é uma condição complexa e pode afetar significativamente a qualidade de vida da criança e da família. Ao avaliar a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional, poderemos entender melhor se essa abordagem é uma opção viável e eficaz para o tratamento do autismo.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho busca avaliar a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento de crianças com autismo e o objetivo específico é realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o uso do Método ABA em terapia ocupacional no tratamento do autismo.

O desenvolvimento do trabalho se justifica observando que o autismo é um transtorno neurológico que afeta o desenvolvimento da comunicação e interação social, bem como o comportamento da criança. Essa condição pode ter um impacto significativo na qualidade de vida da criança e de sua família, e os tratamentos disponíveis variam em sua eficácia.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido utilizando metodologia de revisão bibliográfica que consiste na consulta de material científico já publicado por diferentes autores em diferentes fontes que estejam disponíveis ao público. Os materiais que podem ser consultados nesta metodologia podem ser livros, artigos científicos, jornais, revistas, teses, artigos encontrados em bases online, entre outros.

O objetivo da metodologia de revisão bibliográfica é permitir que o autor se aproxime do tema escolhido, colhendo informações de diversas fontes e criando sua discussão e base teórica a partir delas.

Para a seleção dos trabalhos a serem analisados, será realizada uma busca sistemática nas bases de dados eletrônicas Scopus, Web of Science e SciELO,

utilizando as palavras-chave “autismo”, “método ABA”, “transtorno de desenvolvimento”, “análise de desenvolvimento” e “interação social”. Serão incluídos artigos científicos, teses, dissertações e outros trabalhos que abordem o tema.

Os trabalhos selecionados serão lidos e analisados de forma crítica, buscando identificar as principais contribuições de cada um deles para o tema em questão. Os dados serão organizados e sintetizados no sentido de trazer uma melhor compreensão sobre o assunto.

O papel do autor é selecionar os artigos que se relacionam com o tema, verificar as informações apresentadas e evidenciar semelhanças e diferenças, construindo material para sua elaboração (PRODANOV; FREITAS, 2013).

2.2 Resultados e Discussão

O autismo, mais bem definido como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), caracteriza-se como sendo um transtorno de desenvolvimento que causa uma série de alterações nas habilidades da pessoa atingida, prejudicando seu desenvolvimento comportamental e dificultando a interação social com outras pessoas, além disso, os autistas têm uma enorme dificuldade de comunicação o que muitas vezes desencadeia um comportamento agressivo por não serem facilmente compreendidos (CAMARGO; RISPOLI, 2013; PEREIRA et al., 2013), é comum notar que os autistas tenham hábitos repetitivos e estereotipados que por vezes são realizados de maneira espontânea devido a não compreensão desses em relação ao mundo, somado ao fato desses de não conseguirem se comunicar e expressar suas emoções (PEREIRA et al., 2013).

Alguns autores definem o autismo como sendo um transtorno que causa um desenvolvimento atípico, ou seja, fora do padrão, uma vez que compromete a interação social, limita o interesse e a capacidade em relação à prática de quaisquer tipos de atividades e prejudica a comunicação, sendo que essa em alguns casos pode ser composta por um repertório restrito e em outros pode ser que a pessoa autista nunca nem tente usar algum tipo de comunicação linguística (SANINI; BOSA, 2013).

O autismo é uma síndrome comportamental de etiologia variada, sendo caracterizado por déficits de interação social, visualizado pela inabilidade na relação com o outro, usualmente combinado com déficits de linguagem e alterações de comportamento (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2017, p. 2).

Sabe-se que o TEA se desenvolve ainda no início da infância, sendo notado por volta dos 3 anos de idade ou antes (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2017), sabe-se ainda que o autismo define-se como um transtorno permanente e incurável que irá causar um atraso no desenvolvimento da criança de modo geral, comprometendo a forma como essa criança se comunica e se socializa, impedindo iniciativas da mesma e prejudicando a imaginação e criatividade dessa criança (ALVES et al., 2010), para que esses efeitos negativos no desenvolvimento possam ser amenizados é importante que o diagnóstico seja feito o mais cedo possível, de forma que seja possível que essa criança tenha a intervenção terapêutica mais adequada de acordo com seu quadro de autismo, ressalta-se ainda a importância de que o acompanhamento dessa criança ocorra de modo multidisciplinar e constante, sendo que essa terá que desfrutar de atendimento especializado e adaptado às suas necessidades através de médicos, professores, terapeutas e principalmente do apoio dos pais (PERIN, 2015).

O transtorno do autismo pode afetar famílias no mundo todo e de qualquer configuração racial, cultural, étnica e social (ALVES et al., 2010; CAMARGO; RISPOLI, 2013), sendo que cerca de 65 a 90% dos casos descritos estão geralmente associados à deficiência mental (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2017), entretanto apesar da alta taxa de associação com deficiência mental até os dias atuais ainda não foi possível provar de fato o autismo esteja ligado a causas psicológicas (ALVES et al., 2010).

O que se sabe com clareza é que o autismo não é fator de risco para nenhuma outra doença, entretanto existem outros fatores externos e doenças que podem estar relacionados com o desenvolvimento do autismo, como: doenças infecciosas durante a gravidez (rubéola, sífilis, toxoplasmose), doenças infecciosas do cérebro (meningite), lesões traumáticas, uso de drogas pelos pais da criança antes e durante a gravidez e doenças genéticas como retardos mentais e outras que tenham associações com distúrbios psicológicos (ALVES et al., 2010), de qualquer maneira as causas do autismo não são bem estabelecidas, sendo necessários que mais estudos sejam realizados em busca de respostas que possam facilitar o entendimento completo sobre o transtorno.

Em relação aos sintomas estes podem variar em graus distintos, que vão desde os níveis mais leves, até os mais severos, onde cada nível irá comprometer uma gama maior do desenvolvimento infantil, sendo necessário que o autismo seja

visualizado de maneira individual, pois cada criança poderá apresentar comprometimento de habilidades diferentes de outras de acordo com a severidade dos sintomas, além disso, essa severidade pode aumentar ou diminuir ao longo do tempo, estando essa mudança ligada não somente ao grau do autismo, mas também ao tipo de tratamento realizado nessa criança e ao momento em que esse tratamento foi iniciado (CAMARGO; RISPOLI, 2013). Pelo fato de o autismo resultar no comprometimento de inúmeras habilidades, afetando os padrões comuns de comunicação e interação social, utiliza-se um termo que visa unir essa variabilidade de alterações que são causadas pelo TEA, descrita como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), o intuito é resumir que existe uma série de alterações geradas pelo autismo e que essas causam muitos prejuízos sociais, pessoais e emocionais às pessoas afetadas (VIEIRA; BALDIN; FREIRE, 2017).

De acordo com a classificação CID-10 de 2000 o autismo se enquadra nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (SOUZA; JULIANI, 2012), dividindo-se em autismo Infantil, que é o mais comum e caracteriza-se como sendo aquele que gera um atraso completo no desenvolvimento da criança, sendo diagnosticado até no máximo os 3 anos de idade, afeta principalmente a comunicação, a interação social e compromete o comportamento, sendo que a criança muitas vezes adere a movimentos repetitivos e estereotipados.

Já o outro se trata do autismo atípico, que é mais raro, poderia ser descrito como uma espécie de autismo tardio, isso por que nesse caso o diagnóstico somente é realizado após os 3 anos de idade, ou seja, quando a criança já criou algumas maneiras de interação e comunicação, nesse tipo de autismo pode não haver um comprometimento completo, uma vez que a criança já estava com idade de aprender a se comunicar e interagir com as outras pessoas (SOUZA; JULIANI, 2012).

Levando em consideração a gravidade dos sintomas e quantidade de alterações que o autismo pode ocasionar na vida de uma criança afetada pelo transtorno, busca-se incessantemente por métodos e estratégias de tratamento que permitam que estes sintomas possam ser minimizados e que essa criança possa ser inserida no contexto social e principalmente escolar de maneira mais eficaz possível.

O método educacional de tratamento utilizado para amenizar os sintomas de crianças com autismo denominadas Análise de Comportamento Aplicada pode ser definida como sendo uma estratégia de explicação teórica para mudanças e alterações sistemáticas de comportamento humano, realizadas através de

informações e evidências científicas e histórico observacional, sendo necessária uma análise rigorosa, com comparação de informações que serão discutidas de acordo com conhecimento tecnológico e científico de profissionais especializados no assunto (CARVALHO-FILHA et al., 2009).

Os planos terapêuticos baseados na ABA compreendem realizar uma análise detalhada sobre a criança com autismo, os fatores ambientais ao qual esta criança está exposta diariamente e como esta criança reage a cada um desses fatores, sendo estes resultados determinantes para que se estabeleça o mais adequado método de terapia e acompanhamento dessa criança (FERNANDES; AMATO, 2013). “A terapia ABA tem sido a com melhores resultados, pois “recorre-se” à observação e à avaliação do comportamento do indivíduo, no sentido de potenciar a sua aprendizagem e promover o seu desenvolvimento e autonomia” (NETO et al., 2013, p. 137).

Observam-se os bons resultados da análise de comportamento aplicada por que a mesma tende a promover a aprendizagem da criança de acordo com suas necessidades e respeitando suas limitações individuais, ou seja, por meio de observações do dia-a-dia comum dessa criança, pensando, por exemplo, no contexto escolar as estratégias da ABA serão de observar o que está sendo ensinado para as crianças e de acordo com os interesses na criança autista e de suas respostas ao mundo, criam-se propostas de como aplicar este mesmo conteúdo para a criança autista, porém de maneira que a mesma possa se interessar e compreender, permitindo que haja o desenvolvimento dessa criança e a interação dela, seja com o professor, ou com os colegas, porém no tempo dela, sem momentos estressantes para a criança (CARVALHO-FILHA et al., 2019).

Nesse sentido entende-se que todas as informações observadas no método de análise do comportamento aplicada são de fato relevantes para que os terapeutas possam estabelecer o melhor e mais adequado tratamento para a criança em si. Nota-se que os terapeutas que são responsáveis por esse tipo de análise de comportamento, necessitam ter uma formação extremamente rigorosa, sendo estes especialistas não só em autismo, mas também em observação comportamental, favorecendo que as informações se complementam para que estes elaborem o melhor plano terapêutico possível, garantindo o sucesso da proposta, sendo que ainda de acordo com o que se observa, uma vez que a ABA leva em consideração não só os interesses da criança, mas também como estes se comportam quando

expostos a fatores ambientais e também como se comunicam com seus pais, professores e familiares é imprescindível que os pais entendam todos os passos desse tratamento e participem juntamente com a equipe de saúde e educacional, promovendo estimulação intensiva para a prática das atividades oferecidas a estas crianças, inclusive no ambiente doméstico, nota-se que estes momentos de interação e estimulação doméstica por parte dos pais, destacam-se como pontos fortes que irão garantir o sucesso da ABA (FERNANDES; AMATO, 2013).

Dessa forma a análise de comportamento aplicada vem se destacando cada vez mais do ponto de vista científico, sendo considerada fundamental a sua utilização na identificação das respostas comportamentais em relação aos fatores do contexto ambiental, onde se soma os dados da ciência com os dados observados, promovendo estratégias terapêuticas com sucesso garantido, sendo comprovado os bons resultados em crianças autistas em relação a melhora de bem-estar, maior possibilidades de interação social e ganhos cognitivos e linguísticos, além da maior facilidade de aprendizado (CARVALHO-FILHA et al., 2019).

3. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do trabalho sobre a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento do autismo é uma questão importante e necessária para melhorar a qualidade de vida das crianças com autismo e de suas famílias. A partir da revisão sistemática da literatura, foi possível identificar estudos que avaliaram a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento do autismo em crianças.

A análise dos estudos selecionados permitiu uma avaliação crítica das evidências disponíveis e a identificação das principais vantagens e desvantagens do uso do Método ABA em terapia ocupacional no tratamento do autismo. Nesse sentido, o desenvolvimento do trabalho buscou demonstrar os aspectos e informações relevantes sobre o tema em análise.

Os resultados da pesquisa indicam que o Método ABA em terapia ocupacional pode ser efetivo no tratamento do autismo em crianças, em termos de melhoria na comunicação, interação social e comportamento. No entanto, é importante considerar que os estudos selecionados apresentam algumas limitações, como amostras pequenas e heterogêneas, variações na implementação do Método ABA e desfechos

avaliados. Além disso, os estudos não forneceram informações sobre o impacto a longo prazo do uso do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento do autismo.

Diante dos resultados encontrados, é necessário destacar a importância de realizar mais pesquisas sobre a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento do autismo em crianças. É fundamental que as pesquisas futuras considerem amostras maiores e mais homogêneas, avaliem o impacto a longo prazo do uso do Método ABA em terapia ocupacional e utilizem desfechos padronizados.

Essas informações podem contribuir para uma melhor compreensão do uso do Método ABA em terapia ocupacional, seus resultados e limitações, e ajudar a informar a prática clínica em terapia ocupacional.

Além disso, é importante que os profissionais de saúde que trabalham com crianças com autismo considerem o uso do Método ABA em terapia ocupacional como uma possibilidade terapêutica, mas também avaliem outros métodos e técnicas disponíveis, a fim de selecionar o tratamento mais adequado para cada caso. A avaliação individualizada e a adaptação do tratamento às necessidades específicas de cada criança são fundamentais para garantir a efetividade do tratamento.

Por fim, a pesquisa sobre a efetividade do Método ABA em terapia ocupacional para o tratamento do autismo em crianças é um campo em constante evolução, e é necessário que os profissionais de saúde e pesquisadores estejam atualizados sobre as evidências disponíveis. A pesquisa pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das crianças com autismo e de suas famílias, fornecendo informações úteis para a escolha de tratamentos mais eficazes e personalizados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia de Mesquita Cardoso; LISBOA, Denia de Oliveira; LISBOA, Denise de Oliveira. Autismo e inclusão escolar. COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, IV, 2010, Laranjeiras. **Anais[...]**. Laranjeiras: Campus UFS, 2010. 15 p. Disponível em: <http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf>. Acesso em:

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf>>. Acesso em:

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/6994/pdf_1>. Acesso em:

CARVALHO-FILHA, Francidalma Soares Sousa; NASCIMENTO, Ianeska Bárbara Ribeiro do; SANTOS, Janderson Castro dos; SILVA, Marcus Vinicius da Rocha Santos da; FILHO, Iel Marciano de Moraes; VIANA, Livia Maria Mello. Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista: aspectos terapêuticos e instrumentos utilizados – uma revisão integrativa. **REVISA**, v. 8, n. 4, p. 525-536, 2019. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/459/365>>. Acesso em:

FERNANDES; Fernanda Dreux Miranda; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera. Análise de comportamento aplicada e distúrbios do espectro do autismo: revisão de literatura. **CoDAS**, v. 25, n. 3, p. 289-296, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/codas/v25n3/16.pdf>>. Acesso em:

NETO, Otilio; SOUSA, Victor; BATISTA, Gleison; SANTANA, Fernando; JUNIOR, João. G-TEA: uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com transtornos do espectro autista, baseada na metodologia ABA. SBGames, XII, 2013, São Paulo. **Anais[...]**. São Paulo: Culture Track, 2013. 4 p. Disponível em: <http://www.sbgames.org/sbgames2013/proceedings/cultura/Culture-18_full_G-TEA.pdf>. Acesso em:

PEREIRA, Celly Anne Vasconcelos; PEREIRA, Ceylla Fernanda Vasconcelos; PEREIRA, Cyelle Carmem Vasconcelos. Autismo infantil: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar. **Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança**, v. 11, n. 3, p. 75-79, 2013. Disponível em: <http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/12Autismo-infantil-aplica%C3%A7%C3%B5es-do-ensino-estruturado-na-inclus%C3%A3o-escolar_editado.pdf>. Acesso em:

PERIN, Josiele Albina. **Inclusão de crianças autistas na educação infantil**. 2015. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2015. Disponível em: <<https://rd.uffrs.edu.br/bitstream/prefix/493/1/PERIN.PDF>>. Acesso em:

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Mediação, autismo e educação infantil: práticas para engajar a criança em atividades. CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, V, 2013, Rio Grande do Sul. **Anais[...]**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. 5 p. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/MEDIA%C3%87%C3%83O-AUTISMO-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

SERRA, Dayse Carla Genero. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular**. 2004. 113 f. Dissertação (Mestranda em Educação) – Centro de Ciências e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse_Carla_Genero_Serra-ME.pdf>. Acesso em:

SOUZA, Rodrigo Dal Bem de; JULIANI, João. O transtorno autista e a análise do comportamento. CONGRESSO DE PSICOLOGIA UNIFIL, V, 2012, Londrina. **Anais[...]**. Londrina: UNIFIL, 2012. 6 p. Disponível em: <<https://unifil.br/portal/images/pdf/documentos/livros/v-congresso-de-psicologia.pdf>>. Acesso em:

VIEIRA, Neuza Maria; BALDIN, Sandra Rosa; FREIRE, Raísa Souza. Inclusão escolar de alunos com autismo: o que diz a literatura. **GT5 – Educação, Comunicação e Tecnologia**, s/dp, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://www.educaretransformar.net.br/wp-content/uploads/2017/04/INCLUSAO_ESCOLAR_ALUNOS_AUTISMO_QUE_DIZ_LITERATURA.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.